

# **COP30: o desenvolvimento sustentável no jornalismo amazônica<sup>1</sup>**

Aline Michelle Ferreira Corrêa<sup>2</sup>

Lylian Caroline Maciel Rodrigues<sup>3</sup>

## **Resumo**

O artigo apresenta uma proposta de pesquisa a partir da cobertura da COP30 para compreender como o desenvolvimento sustentável é abordado, especialmente, na imprensa do Pará e do Amapá. A investigação se debruçará sobre publicações de dois jornais para analisar o conteúdo das produções a partir do conceito de desenvolvimento sustentável, à luz dos indicadores ambiental, social e econômico, atravessado por pressupostos de produção defendidos por Bueno e Girardi para o Jornalismo Ambiental.

## **Palavras-chave**

Jornalismo Ambiental; Amazônia; COP30; Desenvolvimento Sustentável; Desenvolvimento Regional.

A COP30 será a primeira a ser realizada em uma cidade amazônica. A Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas ocorrerá em Belém, no Pará, entre 10 e 21 de novembro de 2025, reunindo mais de 60 mil pessoas de 198 países, incluindo líderes, jovens, sociedade civil, empresas e cientistas em busca de soluções para limitar o aquecimento global.

Este é o maior fórum global para discutir e implementar ações de desaceleração das mudanças climáticas, cuja origem remonta à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada no Rio de Janeiro há quase 33 anos. A ECO-92 foi um marco não só para as nações, mas também para a imprensa mundial, impulsionando a criação de editorias e periódicos ambientais no Brasil (GIRARDI, 2025). Contudo, essa mobilização inicial da imprensa frequentemente carece de continuidade após o término dos grandes eventos, uma tendência que parece se repetir a cada edição das COPs.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à Conexão Pós do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 26 a 28 de agosto de 2025.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda pelo PPGDAS - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável da Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail: alineferreira.ap@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, docente no curso de Jornalismo da Unifap e no PPDGDAS – Unifap.

Atualmente, com o aumento da frequência de eventos climáticos extremos, a cobertura da Conferência ganhou um viés de crise, alertando para as emergências globais. Amaral *et al.* (2020) ressaltam o papel crucial da imprensa em tais momentos.

A forma como se dá a cobertura jornalística sobre o tema pode contribuir para o debate público e a discussão de políticas, assim como para a própria sensibilização da sociedade sobre a complexidade e a dimensão das mudanças do clima. Como arena de mediação social, a frequência, os enfoques, as relações construídas a partir do tema e as demais escolhas que permeiam a prática jornalística podem fazer a diferença (AMARAL *et al.*, 2020, p. 9).

Um exemplo dessa diferença está no desconhecimento da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), um conjunto de ações e programas para reduzir as desigualdades regionais e promover o desenvolvimento sustentável no país. A pauta ambiental abordada pela imprensa prescinde de construir as relações históricas e políticas como parte complexa do tema, para não produzir apenas fragmentos e subsidiar a arena pública de debate e as políticas públicas com contextualização e aprofundamento do tema.

O PNDR instituiu no país um modelo de desenvolvimento que combina crescimento econômico e qualidade de vida, sendo estes temas presentes também nas Agendas 21 e 2030, que são transversais às políticas nacionais e internacionais para o desenvolvimento sustentável. Vale destacar que ambas as agendas são o resultado da Conferência ECO-92 e a Assembleia Geral das Nações Unidas de 2015, em Nova York, onde os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram estabelecidos. O Brasil se mantém em diálogo permanente a respeito do tema, dando valor de Lei a partir de seus Decretos e mantendo ativa a pauta do desenvolvimento sustentável e desenvolvimento regional.

No cenário noticioso, é necessário “imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas as suas dimensões” (GIRARDI, 2018, p. 21). O jornalismo disponibiliza ao cidadão ferramentas para atuar na defesa de seus interesses e dos interesses da sociedade. Na especialidade do Jornalismo Ambiental, Bueno (2007, p. 35) sintetiza o conceito como a “captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental”. E destacou três funções básicas da área: a informativa, a pedagógica e a política.

O Jornalismo Ambiental é, antes de tudo, jornalismo (que é o substantivo, o núcleo da expressão) e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate (BUENO, 2007, p. 36).

Para Girardi, o Jornalismo Ambiental ainda precisa:

[...] mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador (GIRARDI, 2018, p. 19 e 20).

Essa é uma necessidade premente quando se pensa na Amazônia. Carvalho (2009) analisou a cobertura da região pela imprensa nacional e discorre sobre os temas mais abordados, destacando desmatamento, conflito fundiário, potencial biotecnológico e a construção de grandes obras. Sobre a cobertura local, a autora observa que esta, embora devesse apresentar uma abordagem mais aprofundada pelo fato de os jornalistas estarem inseridos no contexto amazônico, “acaba seguindo os moldes da imprensa da Região Centro-sul. Ocorre esporadicamente, em momentos de crise ou pautada por eventos de grande repercussão” (CARVALHO, 2009, p. 24).

O reflexo dessa cobertura pela imprensa amazônica pode ser percebido, principalmente, no debate público sobre a temática ambiental. Loose (2016) observa que a agenda pública sofre forte influência daquilo que os jornais e jornalistas escolhem repercutir em seus meios.

É por meio de silenciamentos e repetições de tópicos que a mídia consegue pautar determinados temas em detrimento de outros. As saliências de um assunto em relação a outro também são demarcadas por estratégias jornalísticas que garantem maior visibilidade (LOOSE, 2016, p. 135).

Silenciamentos e repetições implicam na discursividade do produto jornalístico. O que se escuta, quem fala ou não pode falar, o que é reproduzido, o que não se escreve são indicadores sobre a orientação editorial e do que vai ser possível conhecer e debater na esfera pública e nas políticas públicas. Em 2025, na COP30, a imprensa estará fortemente presente. Entre as pautas centrais da Conferência, apresentadas pela ONU

ainda em 2023, estão a expansão do financiamento para países em desenvolvimento e para a adaptação climática, o combate ao desmatamento e a promoção de energias renováveis e de um desenvolvimento de baixo carbono. Este último ponto dialoga diretamente com as noções de desenvolvimentos regional e sustentável, sendo de especial interesse para a Amazônia.

A temática na imprensa, aplicada pelo Jornalismo Ambiental, pode gerar desenvolvimento regional a partir da percepção de pertencimento territorial e de consciência política. Portanto, a forma como essa cobertura se dará constitui o objeto de interesse desta pesquisa. Diante do exposto, o estudo busca responder à seguinte questão: Qual abordagem o desenvolvimento sustentável receberá na cobertura da imprensa regional durante a COP30?

### **O debate do desenvolvimento sustentável não é recente**

Ferreira (2021, p. 11) lembra que o conceito de desenvolvimento sustentável se desenvolveu entre as décadas de 1970 e 1980. Conforme o autor, após a II Guerra Mundial (1939-1945), “a maior preocupação era o crescimento econômico, com a acumulação crescente de capitais financeiros e físicos”. Sob este foco, ocorreram os chamados “anos de ouro” do capitalismo (1945-1970), período que, apesar do avanço econômico, também foi marcado pelo aumento da pobreza e das desigualdades regionais e mundiais.

Face a este aumento das desigualdades sociais, regionais e mundiais, em que outras formas de capital (o humano e o natural) foram descuradas, o foco até aí colocado no crescimento econômico começou a ser posto em causa. Outras dimensões deveriam fazer parte da noção de desenvolvimento, como a importância do ambiente, dado que aumentava a percepção de uma crescente degradação ambiental a nível mundial (FERREIRA, 2021, p. 11).

Em diferentes momentos do debate sobre desenvolvimento, a Amazônia foi tema central. O bioma, que cobre quase metade do território brasileiro (49%), está no centro de diversas discussões ambientais e econômicas, não apenas no Brasil. Apesar da importância para região, o desenvolvimento sustentável é mais um tema pouco discutido na imprensa, mesmo na imprensa nacional. A constatação é reforçada por Carvalho (2009) que, ao avaliar a cobertura sobre desmatamento nos grandes jornais do Brasil,

observou que em mais de 200 matérias, apenas 3,5% abordavam o desenvolvimento sustentável.

O debate sobre desenvolvimento sustentável é incipiente na imprensa regional. Em geral, poucos veículos amazônidas destinam espaço específico para tratar da Amazônia como um todo. Dessa forma, a cobertura sobre a região, com seus problemas e necessidades, acaba perdendo a dimensão do bioma e se restringe aos limites de cada estado que sedia o veículo de comunicação. Sem essa visão do todo, o debate público sobre desenvolvimento sustentável, fomentado pela cobertura jornalística, também se torna fragmentado, reduzindo a compreensão global dos desafios enfrentados pela Amazônia brasileira.

Se desenvolvimento regional pode ser traduzido como um processo de acumulação de riquezas que envolve a exploração de força de trabalho e de recursos naturais comuns para criar excedentes em escala regional, pode-se consentir que a Amazônia brasileira tem tido a experiência mais cruel de espoliação de suas gentes e de seus ambientes. Predomina a lógica do uso predatório da mão-de-obra abundante e sub-remunerada e da utilização destrutiva dos recursos da natureza (FILOCREÃO; PIZZIO; THEIS, 2022, p. 20)

O desenvolvimento de uma região está ligado a uma série de fatores, inclusive, contar com o auxílio da imprensa para serem fomentados.

[...] conscientização e mobilização social em torno da proteção ambiental e do manejo racional dos recursos naturais da região; e, por fim, a uma percepção coletiva de se pertencer à região, ou seja, a identificação da população com sua região (BOISIER, 1996, p. 35 apud MELLO, SOUSA e SOUZA, 2022, p. 270).

### **O jornalismo ambiental e o jornalismo regional na conscientização e educação ambiental**

O jornalismo, em sua essência, vai além de apenas informar os fatos mais relevantes do dia, ele conta histórias com uma finalidade. Uma de suas principais funções, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), é fornecer às pessoas a informação de que precisam para entender o mundo, tornando-a ao mesmo tempo significativa, relevante e envolvente. Ao realizar esse trabalho, o jornalismo atua tanto na produção de conhecimento quanto na formação da opinião pública, ao escolher e disseminar não apenas informações, mas também valores, crenças e ideias.

Esse potencial do jornalismo é fundamental para a capacidade de percepção coletiva sobre o que é desenvolver sustentavelmente a região amazônica. É importante notar que o público obtém informações cruciais para este debate também por meio da imprensa, que seleciona e acompanha (ou não) os fatos ligados a essa questão. A cobertura contribui para a formação da opinião pública, capaz de pautar o debate político e, conseqüentemente, influenciar a criação de políticas públicas.

A relevância desta pesquisa reside em demonstrar o impacto social da imprensa regional na produção de conhecimento, na conscientização e na educação ambiental da sociedade amazônica. Ainda são escassos os estudos voltados para essa análise em nível regional, visto que a maioria das pesquisas analisa a imprensa nacional. Ampliar a discussão para a região amazônica não só é crucial para a compreensão do cenário local, mas também permite o fortalecimento da imprensa regional. Este é um dos pontos defendidos pela organização Repórteres Sem Fronteiras.

O fortalecimento do jornalismo local, livre, plural e independente deve ocupar uma posição central nas discussões nacionais e internacionais sobre as estratégias de preservação da Amazônia. O Estado brasileiro, as organizações internacionais, as agências de cooperação e de desenvolvimento, as fundações filantrópicas e todas as instituições engajadas no enfrentamento da crise climática na Amazônia também devem estar implicadas na consolidação de um ecossistema midiático local e plural (REPÓRTERES SEM FRONTEIRA, 2023, p. 23).

## **Proposta metodológica**

É apresentado para este pleito uma proposta metodológica que pretende receber contribuições no diálogo que se estabelece no contexto do Conexão Pós, trocando ideias e críticas junto ao grupo interessado por estes dois temas: a cobertura da COP pela imprensa e o desenvolvimento de uma Amazônia sustentável.

A proposta é mapear em dois jornais amazônicos: O Liberal, maior periódico de Belém, cidade que sediará a COP30; e o Diário do Amapá, único jornal diário na atualidade no Amapá, que é o estado mais preservado do Brasil. A coleta de dados abrangerá o período de realização da COP30, de 10 de novembro a 21 de novembro de 2025. Serão analisadas todas as produções jornalísticas (notícias, reportagens, entrevistas e artigos de opinião) que abordem o evento. O monitoramento será feito nas versões virtuais para um maior controle. Será utilizada a técnica de análise de conteúdo

para delinear o perfil quantitativo e as tendências gerais da cobertura. Para Fonseca Júnior (2009), como método de pesquisa em comunicação de massa, a análise de conteúdos ocupa-se da análise de mensagens e atende aos requisitos de sistematicidade e confiabilidade.

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões (Fonseca Júnior, 2009, p. 286 apud Lozano 1994, p. 141-142).

Este método de pesquisa examina e quantifica a presença de determinadas palavras, temas e conceitos em uma mensagem de comunicação. Assim, permite analisar e identificar a frequência e a significância de diferentes elementos no conteúdo. No contexto da cobertura da COP30, a análise avaliará a aplicação das técnicas jornalísticas de seleção de fontes, determinação do foco da notícia e do valor notícia, e ainda a produção jornalística com abordagem ambiental e regional, tratando ou não do desenvolvimento sustentável.

A análise proposta para esta pesquisa acompanhará cinco categorias de análise:

1. Foco: assuntos mais abordados, incluindo ou não o desenvolvimento sustentável .
2. Fontes de informação: instituições, autoridades ou atores consultados.
3. Atores sociais: aqueles que foram mencionados nas produções jornalísticas, tanto pelos repórteres e/ou autores, quanto pelas fontes consultadas.
4. Frequência e continuidade: o espaço diário da COP30 ou mesmo se seções fixas foram criadas.
5. Conexão com realidades próximas: a produção abordou para a realidade das cidades e do cotidiano amazônica os temas acompanhados.

As categorias acima se enquadram nos pressupostos para o Jornalismo Ambiental defendidos por Girardi (2025), sendo consideradas essenciais, segundo a autora, para a produção de matérias que ampliem o conhecimento ou o engajamento pela causa ambiental. As duas últimas categorias, Frequência e Continuidade, e Conexão com Realidades Próximas, foram extraídas do trabalho organizado por Amaral et al (2020).

Em O Mini manual para a Cobertura Jornalística das Mudanças Climáticas, as autoras destacam a necessidade de seções fixas na imprensa, destinadas a abordar temas relacionados à sustentabilidade e às alterações climáticas. Além de garantir esse espaço, defendem conectar o fenômeno das mudanças climáticas com realidades próximas no espaço e tempo, como forma de aproximar a discussão da vida cotidiana do público do veículo para demonstrar que o “desafio das mudanças climáticas diz respeito ao presente e não ao futuro” (AMARAL *et al.*, 2020, p. 19).

As conclusões analíticas finais sistematizarão as categorias estabelecidas nas produções dos veículos de comunicação, permitindo identificar se o conteúdo reflete os princípios do Jornalismo Ambiental, conforme proposto por Bueno e Amaral *et al.* Isso permitirá estabelecer conclusões sobre a abordagem do tema e sua complexidade.

Essas categorias serão analisadas à luz de três grandes indicadores do desenvolvimento sustentável: o ambiental, o social e o econômico. À medida que for possível quantificar a produção de cada indicador – por exemplo, quantas e quais fontes abordam o aspecto ecológico; o número de reportagens que focam no indicador econômico; e a frequência do indicador social nas matérias –, será então realizada uma análise qualitativa.

O objetivo é compreender como a imprensa aborda o desenvolvimento sustentável durante a COP30 e, adicionalmente, verificar de que forma essa abordagem contribui para um jornalismo de debate ambiental que subsidie políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento regional.

## **Referências**

AMARAL, M. F. *et al.* **Mini manual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas**. Santa Maria: FACOS-UFMS, 2020.

BUENO, Wilson. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, nº 15, p. 33-44, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

CARVALHO, Clarissa P. G. **A contribuição dos grupos de pesquisa em jornalismo ambiental**. 2009. 126 f. Dissertação – Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

FANTE, E. M.; MORAES, C. H. Sustentabilidade: do que estamos falando? In: GIRARDI, I. M. T. *et al.* **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 51-68.

FERREIRA, José Francisco de C. **Desenvolvimento sustentável: apontamentos sobre o conceito**. Maringá: Uniedusul, 2021.

FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro; PIZZIO, Alex; THEIS, Ivo Marcos (org.). **Contradições do desenvolvimento regional na Amazônia brasileira**. Florianópolis: Editora Nave, 2022.

FONSECA JR. W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-304.

GIRARDI, Ilza M. T. Um semestre muito especial: o surgimento da primeira disciplina de jornalismo ambiental. In: GIRARDI, I. M. T. *et al.* **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 13-24.

GIRARDI, Ilza. A responsabilidade do Jornalismo Ambiental na formação cidadã em tempos de emergência climática. **Diálogos Soberania e Clima**, Brasília, v. 4, nº 1, p. 06-19, 2025. Disponível em: <https://soberaniaclima.org.br/wp-content/uploads/2025/04/Dialogos-Soberania-e-Clima-Especial-Marco-2025-Portugues-08.pdf> . Acesso em: 01 de junho de 2025.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LOOSE, Eloise B. **Riscos Climáticos no Circuito da Notícia Local: Percepção, Comunicação e Governança**. 2016. 455 f. Tese – Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MELLO, Bruno J.; SOUSA, Roberta M. de M; SOUZA, Cristiane M. de M. Análise da Governança da Água em Manaus. In: FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro; PIZZIO, Alex; THEIS, Ivo Marcos (org.). **Contradições do desenvolvimento regional na Amazônia brasileira**. Florianópolis: Editora Nave, 2022. p. 265-283.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRA. **Amazônia: Jornalismo em Chamas**. 2023. Disponível em: [https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/09/Amaz%C3%B4nia%20-%20Jornalismo%20em%20chamas\\_v.final\\_.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/09/Amaz%C3%B4nia%20-%20Jornalismo%20em%20chamas_v.final_.pdf) . Acesso em: 23 fev. 2025.